



# **A Educação Musical Aliada à Clínica Psicomotora e a Construção Simbólica no Trabalho com Pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA)**

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: EDUCAÇÃO MUSICAL

*Caroline Blumer*

*Programa de Pós-Graduação em Música - IA - UNICAMP – carolineblumer@hotmail.com*

**Resumo:** O presente artigo apresenta uma pesquisa em andamento que propõe, através de revisão bibliográfica, análise de dados e depoimentos, uma investigação elaborada sobre os aspectos e pontos de interseção entre a Clínica Psicomotora e a Educação Musical e em como esta relação pode proporcionar ferramentas nas práticas pedagógico-musicais com pessoas com Transtornos do Espectro do Autismo. Dentro deste contexto relacional também observa e aponta como se dão as construções simbólicas no âmbito da educação musical e como estas podem contribuir para a constituição do “eu” sujeito no TEA.

**Palavras-chave:** Educação. Musical. Psicomotricidade. Autismo. Simbólico

**The Music Education Allied to Psychomotor Clinic and Symbolic Construction in Working with Persons with Autism Spectrum Disorder (ASD)**

**Abstract:** This paper presents an ongoing research that proposes, through bibliographical review, data analysis and testimony, an elaborate investigation about the aspects and points of intersection between the Psychomotor Clinic and Music Education and how this relationship can provide tools to the pedagogical and musical practices with persons with Autism Spectrum Disorders. Within this relational context also notes and points how the symbolic constructions happens in the context of music education and how it can contribute to the constitution of the corporal image of this persons.

**Keywords:** Music Education. Psychomotricity. Autism. Symbolic

## **1. Introdução**

Há aproximadamente oito anos venho atuando na Educação Musical de pessoas com deficiência, especialmente com Transtornos no Espectro Autista em ambiente de escola especial bem como de inclusão em escolas regulares. Através da oportunidade de desenvolver este trabalho no Instituto Ser - Senso Educação Reintegrada, uma clínica-escola para pessoas com deficiência em Campinas, pude vivenciar um modelo de educação transdisciplinar embasado nos princípios da Clínica Psicomotora que, por sua vez, contribuiu significativamente na minha atuação junto aos alunos.

A partir desta experiência germinou meu interesse em aprofundar os estudos sobre o tema com um recorte voltado para a prática na educação musical e para a construção simbólica no TEA.

É sabido que o Ensino da Música é extremamente representativo e instrumento importante no desenvolvimento global dos seres humanos em todas as idades, principalmente, quando consideramos a música como algo inerente ao ser humano (LOURO, 2012: 111).

Da mesma forma, a psicomotricidade desde seu início, no século XIX, vem se destacando como ferramenta importante no campo da educação e do desenvolvimento sensorio-motor. Por ser compreendida e incorporada nos diversos campos do conhecimento, a psicomotricidade foi se ramificando ao longo do tempo dando origem a três vertentes principais: por primeiro, a chamada Psicomotricidade Funcional (reeducação psicomotora), na qual o olhar é centrado no aspecto motor e na descoberta do corpo como instrumento. Posteriormente, surgiu a Terapia Psicomotora, ligada ao campo da psicologia genética, que valoriza a emoção, a formação de um ser pensante e global, um corpo em movimento que sente e se relaciona (LEVIN, 1995). Por fim, a terceira, denominada Psicomotricidade Vivenciada ou Clínica Psicomotora, voltou-se para um “sujeito desejanste” com um corpo em movimento, dando importância à sua globalidade, à sua relação com o outro, à afetividade e ao emocional (NEGRINE, 1995).

Nesta terceira vertente da psicomotricidade a diferenciação deu-se por um aprofundamento da relação entre psicanálise e psicomotricidade onde foram incorporados à mesma diversos conceitos psicanalíticos (SOUZA, 2004) tal como o da *imagem corporal*, que se refere à figuração mental que temos de nosso corpo, subjetivamente, do ponto de vista imaginativo-mental diferente do que chamamos de *esquema corporal* que é apenas a noção tridimensional que temos de nós mesmos e das partes do nosso corpo (LOURO, 2012: 92).

Para o psicólogo e psicomotricista argentino Esteban Levin o papel do Outro e a relação que se estabelece com ele é fundamental para que o indivíduo possa constituir sua imagem corporal e enxergar-se como um sujeito capaz de diferenciar o que é real do que é simbólico, o que é seu “eu” sujeito e o que é parte do seu corpo físico (LEVIN, 1995).

Com relação aos Transtornos do Espectro Autista existe grande dificuldade nesta construção simbólica do “eu” sujeito, do pensamento abstrato, problemática que acentua ainda mais o comprometimento nas interações sociais, comunicação, linguagem e comportamentos estereotipados característicos do TEA (APA, 2014).

Importantes pedagogos musicais como Dalcroze (1865-1950) e Willems (1890-1978) perceberam o potencial da psicomotricidade aliada ao ensino de música e utilizaram-na em seus métodos a fim de proporcionar um melhor desenvolvimento psicomotor aos seus alunos.

Demonstrando assim, que há de fato uma estreita relação entre educação musical e psicomotricidade e é desta relação que se pretende extrair informações e ferramentas de grande valia para a prática inclusiva, para o processo pedagógico e, também, para o desenvolvimento das construções simbólicas no TEA.

No entanto, a relação que delimitaremos nesta pesquisa é a do ensino musical com a clínica psicomotora, também chamada psicomotricidade vivenciada, deixando de lado as outras vertentes anteriormente mencionadas. A proposta é de que as práticas educacionais musicais no TEA possam ir além das questões pedagógicas e psicomotoras, mas que também contribuam de maneira significativa na construção do “eu” sujeito, ou seja, na constituição da *imagem corporal* deste educando.

## **2. Psicomotricidade e Educação Musical**

A psicomotricidade surgiu no início do século XIX a partir da busca por uma ciência que estudasse o ser humano de uma forma integral e não fragmentada, no Brasil foi norteadada pela escola européia de Wallon, Piaget e Ajuriaguerra. O médico e psicólogo Henry Wallon classificou o movimento humano como uma categoria fundante na construção do psiquismo. Em 1935, Edouar Guilmain iniciou uma prática com enfoque na reeducação motora com exercícios para reeducar a atividade tônica e o controle motor. Em 1947, o psiquiatra Julian Ajuriaguerra, redefine o conceito de debilidade motora e afirma que “a criança é o seu corpo” (ABP, 2016).

Os estudos e as práticas em relação à psicomotricidade vem se desenvolvendo desde então, ganhando espaço em diversas áreas de atuação, especialmente na saúde e na educação.

A Psicomotricidade tem o objetivo de trabalhar o indivíduo com toda a sua história de vida. Trabalhar seu afeto e o desafeto do corpo, desenvolver o seu afeto comunicativo, dando-lhe a possibilidade de dominá-lo, economizar sua energia, de pensar seus gestos, de aperfeiçoar seu equilíbrio. Psicomotricidade é o corpo em movimento considerando o ser em sua totalidade (MENDONÇA, 2007: 20).

Apesar das diferentes linhas e definições de psicomotricidade há um conceito principal que as sustenta, este conceito está apoiado em quatro pilares: o psicológico, o cognitivo, o motor e o etário. A partir disto procura-se compreender o ser humano de forma plena começando pelo seu corpo, porém sem perder de vista sua emoção, sua motricidade, sua capacidade de aprendizado e sua história de vida (LOURO, 2012: 76).

Como já mencionado anteriormente, diversos pedagogos musicais utilizaram os conceitos da psicomotricidade em sua atuação. Edgard Willems desenvolveu em suas oficinas práticas sensório-motoras e simbólicas o que chamou de “imaginação motora”, nas quais considerou que o ritmo estaria implícito em ações como andar, respirar, na pulsação, nos movimentos causados pela emoção ou pensamentos. Para Willems, os movimentos ocorrem no tempo e no espaço e devem ser executados de forma natural e vivenciada, sendo assim, é necessário que a imaginação motora tenha experiências rítmicas baseadas em experiências efetivas (LIMA; RÜGER, 2007).

Émile Dalcroze também se preocupou com a expressividade corporal e a afetividade na prática musical. De acordo com FONTEERRADA (2008: 123), no trabalho de Dalcroze havia uma preocupação no sentido de que “a educação musical e a necessidade de sistematização das condutas, em que música, escuta e o movimento corporal estivessem estreitamente ligados e interdependentes”. A autora nos diz ainda que:

O sistema de Dalcroze parte do ser humano e do movimento corporal estático ou em deslocamento, para chegar à compreensão, fruição, conscientização e expressão musicais. A música não é um objeto externo, mas permanece, ao mesmo tempo, ao fora e ao dentro do corpo. O corpo expressa a música, mas também transforma-se em ouvido, transmutando-se na própria música. No momento em que isso ocorre, música e movimento deixam de ser entidades diversas e separadas, passando a constituir, em sua integração com o homem, uma unidade (FONTEERRADA, 2008: 131).

Segundo Louro (2012), precisamos de um aparato psicomotor para aprender música e, da mesma forma, a música é uma eficiente ferramenta para desenvolver em nós este aparato. Sendo assim, percebe-se que os princípios básicos da psicomotricidade estão intimamente relacionados com elementos da aprendizagem musical no que diz respeito ao nosso desenvolvimento psicomotor: o ritmo e o pulso relacionam-se diretamente com a noção espacial e temporal; a melodia, a noção de grave e agudo, com a espacialidade e a lateralização; e a leitura e escrita musical com a capacidade de abstração e decodificação. Ou seja, a música requisita nossas funções cognitivas, perceptivas, motoras e psicoemocionais (LOURO, 2012).

### **3. Neuroplasticidade na Educação Musical de Pessoas com Deficiência**

A neuroplasticidade ou plasticidade cerebral é a “denominação das capacidades adaptativas do sistema nervoso central - sua habilidade para modificar sua organização

estrutural própria e funcionamento” (RELVAS, 2007: 7). Esta plasticidade é um fator bastante relevante quando nos referimos a aprendizagem de pessoas com deficiência.

A adaptabilidade do sistema nervoso central permite que ele seja capaz de se reorganizar mesmo após sofrer lesões graves. No entanto, esta reorganização depende de um elemento disparador, uma força psíquica favorável, uma motivação. Segundo Gardner, elementos da personalidade como força do ego, motivação interior, aliados a um estímulo externo adequado podem favorecer o desenvolvimento da aprendizagem e da adaptação do organismo frente a uma dificuldade. No fazer artístico, o organismo pode criar diversos mecanismos de adaptação neuronal motivado pelo desejo de adquirir ou recuperar uma habilidade artística. Há diversos exemplos de pintores e músicos que voltaram a exercer sua arte, mesmo após sofrer danos cerebrais (GARDNER, 1994).

Esta mesma plasticidade é citada por Esteban Levin em seu livro *La Experiencia de Ser Niño - Plasticidad Simbólica*, onde o autor aponta a experiência simbólica como uma das fontes geradoras da plasticidade neuronal e de rearranjos que podem contribuir significativamente para o desenvolvimento psicomotor do sujeito. Também afirma que a qualidade das possibilidades de conexão das sinapses e das redes neuronais pode ser diferente de acordo com a experiência vivida. Levin diz que qualquer experiência aprendida e repetida produz plasticidade cerebral e pode proporcionar o desenvolvimento de novas condutas e aquisições, no entanto, quando se trata de uma experiência simbólica, significativa, ou seja, marcante para o indivíduo, esta produz uma plasticidade neuronal de tônus mais intenso e forte e que permite ao sujeito apropriar-se subjetivamente desta experiência. Esta capacidade de apropriação subjetiva do sujeito o autor chamou de plasticidade simbólica, que é o efeito da experiência simbólica na relação com o Outro e, que nos permite constituir nossa própria imagem corporal (LEVIN, 2010).

Sendo assim, no âmbito da educação musical, é muito importante considerarmos a plasticidade cerebral e também a qualidade das experiências vivenciadas no trabalho com pessoas com deficiência, principalmente, nos transtornos do espectro do autismo. Louro (2012) afirma que:

Os educadores (de musicalização ou de outra especificidade) devem estar atentos aos princípios da psicomotricidade e fazer uso de todos os recursos disponíveis que possam gerar estímulos ao aluno com deficiência, pois, como vimos, reorganização neurológica e aquisição de funções (tanto cognitivas quanto físicas) anteriormente inexistentes são reais possibilidades (LOURO, 2012: 116).

Devemos nos lembrar que a neuroplasticidade, apesar de ser comprovada, tem suas limitações e não há como prever quando e quanto o cérebro de uma pessoa pode se

reorganizar, apenas sabemos que ela é uma aliada em nossa missão como facilitadores da aprendizagem (LOURO, 2012).

#### **4. As Construções Simbólicas no TEA**

O Autismo faz parte dos Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD) que é classificado como Transtorno do Espectro Autista (TEA), uma síndrome comportamental que se divide em três sintomas principais: a) dificuldade de interação social; b) déficit na linguagem e na comunicação verbal e não verbal; c) a presença de comportamentos repetitivos, estereotípias e interesses restritos. Tem causas múltiplas e se apresenta em graus variáveis, por isso a denominação Transtornos do Espectro Autista (TEA). Em 2013, através do DSM V (Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais), a classificação no TEA foi dividida em três graus: leve, moderado e severo (APA, 2013).

Dentre os diversos comportamentos característico do TEA estão: tendência ao isolamento, dificuldade no “brincar”, comportamentos sociais fora de contexto, dificuldade na percepção de si e do outro, pensamento extremamente concreto, dificuldade para entender metáfora, humor, ironia, sarcasmo e expressões faciais, ecolalia e fala monótona. Ou seja, tratam-se de crianças e adultos que, por si mesmo, apresentarão dificuldades em criar experiências simbólicas que permitam constituir sua imagem corporal.

O “brincar” dá sentido aos fatos aprendidos, a percepção de si e do outro dá significado aos nossos movimentos transformando-os em gestos e ações.

Sobre os fundamentos da arte na educação DUARTE (2008: 112) nos diz que a atividade artística apresenta o sentido de organização das experiências de uma criança enquanto desenha, pinta, canta, toca. Na realização destas atividades “ela busca um sentido geral para a sua existência, percebendo o seu “eu” como um todo integrado e relacionado ao seu ambiente”.

LEVIN (1995) relata que “No autismo, o corpo da criança não tem outra referência do que a de estar à margem [...] o corpo é pura carne sem ligação representacional, é puro real [...] permanece mudo, silencioso, carente de qualquer gestualidade” (LEVIN, 1995: 196).

Desta forma, a construção de experiências simbólicas surge como um ponto importante a ser considerado nas práticas pedagógico-musicais dentro dos Transtornos do Autismo. Para Levin, o educador deve “doar” a sua experiência infantil, ou seja, criar a “cena”, o “cenário”, atribuir significado a fala, aos movimentos, aos comportamentos estereotipados e, a partir disto construir uma nova experiência com esse aluno a fim de ajudá-



lo a apropriar-se de si como sujeito e assim, constituir sua sua imagem corporal (LEVIN, 2010: 80).

## 5. Conclusão

Este estudo teórico propõe-se através de revisão bibliográfica, análise de dados e depoimentos investigar os aspectos e pontos de interseção entre a Clínica Psicomotora e a Educação Musical e observar como esta associação pode se tornar ferramenta pedagógica-musical no trabalho com pessoas com TEA.

Dentro da Clínica Psicomotora, pretende relatar o que são e como se dão as construções simbólicas, apontar como estas construções podem acontecer no âmbito da educação musical nos Transtornos do Espectro do Autismo bem como sua relevância para a constituição do “eu” sujeito no TEA.

## Referências:

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. DSM V. 5ª Edição. Porto Alegre: Artmed Editora Ltda., 2013.
- DUARTE JÚNIOR, João Francisco. Fundamentos Estéticos da Educação. In: A Arte Educa?10ª Edição. Campinas, SP: Papyrus, [1988] 2008. Cap.4, p. 112.
- GARDNER, H. Estruturas da Mente: a teoria das inteligências múltiplas. Porto Alegre: Ates Médicas Sul, 1994.
- LEVIN, Esteban. A Clínica Psicomotora, o corpo na linguagem. 5ª Edição Petrópolis: Editora Vozes, [1995] 2003.
- LEVIN, Esteban. La Experiencia de Ser Niño - Plasticidad Simbólica. 1º Edição. Buenos Aires: Editora Nueva Visión, 2010.
- LIMA, Sonia Albano de; RÜGER, Alexandre Cintra Leite. O trabalho corporal nos processos de sensibilização musical. Opus, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 97-118, jun. 2007. Disponível em: <<http://www.anppom.com.br/opus/opus13/10/10-Albano.pdf>>. Acesso em: 03/07/2015
- LOURO, Viviane. Fundamentos da Aprendizagem Musical da Pessoa com Deficiência. 1ª Edição. São Paulo: Editora Som, 2012.
- NEGRINE, Airton da Silva. Fontes Epistemológicas da Psicomotricidade In: Aprendizagem e desenvolvimento infantil: Alternativa pedagógica. Porto Alegre: Prodil, 1995.
- RELVAS, M. P. Plasticidade Cerebral e Memória. Tópicos especiais em criatividade e neurociência do conhecimento. Modulo IV. Curso de Pós-Graduação Lato Sensu. Instituto a Vez do Mestre, 2007a. In LOURO, Viviane. Fundamentos da Aprendizagem Musical da Pessoa com Deficiência. p. 114. 1ª Edição. São Paulo: Editora Som, 2012.
- FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação. 2ª ed. São Paulo: Editora UNESP, Rio de Janeiro: Funarte, 2008.
- ABP - Associação Brasileira de Psicomotricidade - <<http://psicomotricidade.com.br/historico-da-psicomotricidade/>> - acesso em 15/03/2016.